

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 77

Data: 3 de Dezembro de 1975

Pg.: \_\_\_\_\_

**Villas repete previsão**  
ESP-3.12.75  
**sobre o fim do índio**

Da Sucursal de  
BRASÍLIA

"Acho, realmente, que o índio brasileiro desaparecerá, caso a política adotada pela Funai não sofra reformulações e a própria estrutura do órgão não passe por uma profunda revisão, simplificando o mecanismo de funcionamento das dezenas de departamentos que funcionam em Brasília, absorvendo dois terços do orçamento destinado à Fundação".

A afirmação foi feita em Brasília pelo sertanista Orlando Villas Boas, que na semana passada se mostrou pessimista quanto ao futuro do índio, numa conferência que pronunciou em Ribeirão Preto. "Reafirmo tudo o que disse — observou o sertanista —, pois realmente os exemplos de integração do índio que temos visto são trágicos. Os grupos já integrados, na verdade, estão vivendo marginalizados em nossa sociedade, a maioria em situação de miséria".

Mesmo ressaltando as boas intenções do atual presidente da Funai, general Ismarth de Araujo Oliveira, Villas Boas acha que para alcançar êxito, em sua administração, ele precisará alterar os estatutos da Funai. "Em vez de continuarem atuando órgãos como o DGA — Departamento Geral de Administração; o

DGO — Departamento Geral de Operações; o DGPI — Departamento Geral do Patrimônio Indígena; o DGPC — Departamento Geral do Planejamento Comunitário; e outros, acho que essa estrutura deveria ser simplificada. De imediato, na minha opinião, é necessário que a Funai forme um corpo de etnólogos, com larga experiência de campo, para realizar um amplo levantamento da situação das diversas comunidades indígenas, propondo programas concretos de apoio a estas populações".

Quanto à crítica que lhe foi dirigida por integrantes do Cimi — Conselho Indigenista Missionário — condenando o seu pessimismo, Orlando comentou irônico: "Esta foi a primeira vez em que concordei com os missionários, que estão sempre denunciando o extermínio dos índios. No entanto, agora eles resolveram ir contra a minha opinião. É muito difícil entender o Cimi".

O sertanista deixou claro que a sua visão do problema indígena, não implica um recuo em seu trabalho de mais de 30 anos junto aos índios e anunciou que, em breve, ele e Cláudio, seu irmão, pretendem chefiar uma nova expedição, para contatar índios isolados em Mato Grosso.

O general Ismarth de Araujo Oliveira, ao comentar as declarações de Orlando Villas Boas, mostrou-se bastante político: "Existem

duas formas de extinção das comunidades tribais: o desaparecimento físico e o desaparecimento cultural. Acredito que, com o trabalho que estamos realizando na Funai, a sobrevivência física dos índios já está garantida. No entanto, não posso dizer o mesmo no que se refere à perda da cultura e à própria identidade de índio. A Funai pretende que o índio integrado não perca seus padrões de cultura e sua condição de índio, mas não temos certeza de que isso será possível. Acredito que Orlando se tenha referido ao desaparecimento do índio como etnia".

**GUAJAJARAS**

Falando sobre a inquietação verificada entre os índios guajajaras do posto indígena de Bacurizinho, no Maranhão, o presidente da Funai admitiu que ela poderá dar origem a atritos entre eles e o fazendeiro Yukio Akashi, que insiste em ampliar os limites de sua propriedade até a área indígena.

"É provável que a notícia do ataque dos índios do posto de Angico Torto contra os invasores de suas terras tenha motivado a comunidade de Bacurizinho, onde há muito tempo, se arrasta uma rixa entre o fazendeiro e os índios — afirmou o general. A Funai está tentando ganhar na Justiça o processo que está movendo contra Yukio Akashi, mas até agora nada ficou decidido. Como não entendem os entraves burocráticos que frentamos, os índios estão acientes".